CRB-RS

Vida Religiosa Consagrada no RS: em formação para se ressignificar na vida em missão.

Subsídio de Formação para as Comunidades Religiosas.

Apresentação

A ideia de elaborar essa brochura nasceu de um encontro da Equipe Teológica da CRB-RS, com a presença da presidente e outros membros da Coordenação da nossa CRB regional. A intenção é oferecer um subsídio que possa ajudar na Formação Permanente das Comunidades de VRC do Rio Grande do Sul.

Consideramos que a maioria das nossas Comunidades e Províncias ou Congregações tem a boa tradição de realizar encontros semanais ou mensais para reflexão e aprofundamento de temáticas pertinentes à nossa vocação e missão. Apresentamos neste subsídio uma introdução geral que nos coloca no cenário atual de nossa VRC no Rio Grande do Sul. Em seguida oferecemos três temas que nos desafiam atualmente como Vida Religiosa Consagrada: em base ao horizonte proposto pela CRB nacional a busca por ressignificação de nossa VRC, o cuidado da Casa Comum com estilos de vida sustentáveis e o cultivo da humanização em nossa VRC.

São três artigos que contém no final umas perguntas orientativas para favorecer a conversa, o debate, reflexão. Cabe ao coordenador ou coordenadora preparar anteriormente o tema e dinamizar sua leitura, seu estudo, a reflexão pessoal e comunitária.

O Espírito do Senhor, que está nas origens de todos os carismas, nos anime na busca por fidelidade criativa e por uma contínua conversão e renovação de nossa vida e missão na Igreja e no mundo.

Introdução

A vida religiosa consagrada no Rio Grande do Sul

Um processo de mudanças e transformações em andamento.

O nosso Estado ainda possui uma presença numerosa de comunidades, de carismas, de entidades da VRC. Trata-se de uma presença significativa na Igreja e na sociedade. Somos presença ativa na evangelização em dioceses, paróquias e comunidades, bem como em pastorais específicas. Somos presença ativa no campo da educação, da saúde e em obras sociais.

Entretanto, reduzimos significativamente os espaços de nossa presença e engajamentos apostólicos e continuamos reduzindo cada vez mais em número de religiosas e religiosos ativos. Este **fenômeno da redução** se deve especialmente a dois fatores:

- a redução drástica de novas vocações, mais ainda provenientes de nosso Estado, o qual fá foi considerado um "celeiro de vocações";
- o aumento significativo da média de idade em nossas comunidades e Congregações.

Em suma, a "redução" é um traço que caracteriza a nossa VRC neste momento e gera demandas de uma busca constante de novos caminhos de vida em missão.

Ao mesmo tempo, nossa VRC vem adquirindo **um rosto cada vez mais plural** com a mudança significativa em andamento do **perfil das formandas e formandos** bem como dos **religiosos e das religiosas jovens**. As novas vocações que chegam à VRC trazem as marcas da expansão missionária da VRC do RS para outros Estados e além-fronteiras. As novas vocações têm surgido predominantemente das presenças missionárias. A diversidade de origens culturais, raciais, territoriais, nos enriquece e nos desafia cada vez mais a trilhar os caminhos da **interculturalidade**. Além disso, tem surgido entre nós grupos de novas comunidades de Vida Consagrada, por exemplo, o Caminho.

O legado de uma longa história de vida em missão tem como um de seus resultados em nossas congregações a **herança de estruturas, obras e atividades**, a qual contrasta com a diminuição de forças para levá-las adiante. Na maioria dos casos, as comunidades e as congregações encontram dificuldades para redimensionar presenças, estruturas e obras, seja delas se desfazendo, seja criando formas novas de mantê-las em adequação às suas possibilidades e às demandas atuais.

Essa realidade, de diferentes maneiras, tem contribuído para um fato positivo: um maior envolvimento de leigas e leigos na *missão* e *espiritualidade* das congregações. Neste caso, deixam de ser meros funcionários/as para aderirem também à *espiritualidade* do *carisma* e *missão*. Por outro lado, permanece um fato negativo e preocupante: a sobrecarga de responsabilidades sobre um grupo reduzido de Irmãs e Irmãos Religiosos.

Sinais de esperanças, perspectivas e desafios

O cenário acima descrito não é novo na realidade e nas reflexões de nossas Congregações. Mas permanece nova e profundamente relevante a tarefa de continuarmos discernindo por onde Deus quer nos conduzir hoje em meio às condições e possibilidades mudadas da existência e missão da VRC em um tempo que se caracteriza como "mudança de época". Permanece nova a tarefa de concentrar-nos em reaprender como sermos pessoas consagradas e viver nossa missão aqui e agora. E nessa tarefa lidamos com perguntas abertas às quais precisamos ir respondendo ao longo do caminho.

A diminuição de número nos desperta para outros aspectos de nossa VRC. Precisamos concentrar-nos mais no **essencial de nossa vida em missão**. Temos de perguntar-nos: o que nos cabe como VRC na vida e missão da Igreja, bem como na vida e construção da sociedade? E como podemos potencializar nossas possibilidades para levar adiante a missão que nos cabe?

Certamente precisamos lidar com a redução/crise de vocações para a VRC. Não temos respostas fáceis para esta realidade, mas podemos vislumbrar algumas perspectivas e desafios.

- Precisamos manter aberta a pergunta: *por que a VRC não consegue mais atrair jovens para essa forma de vida*? Como avaliar e compreender em profundidade essa realidade? É preciso acolher e compreender nosso tempo como um todo. Estamos vivendo uma mudança de época. Não deveríamos interpretar esta realidade no cenário mais amplo dos grandes desafios da **transmissão intergeracional da fé cristã**, tão característica do atual momento sociocultural? E diante disso, qual a missão da VRC no anúncio do Evangelho como modo/estilo de vida, portador de sentido também neste mundo em mudança?

- Concentrar-nos mais no que é essencial da VRC exige acima de tudo o cuidado do patrimônio mais precioso de uma família religiosa, isto é, as pessoas. Em tempos de "redução", mais que nunca é necessário o cuidado do humano, da dimensão afetiva, da saúde física, mental, psicológica e espiritual, com um cuidado integral e integrador. É importante o empenho em manter vivos aqueles valores fundamentais da VRC, quais sejam o valor da vida fraterna, da vida espiritual e contemplativa, bem como da profecia na missão. Em outras palavras, é fundamental apostar em tudo o que contribui para favorecer a **qualidade e densidade evangélica, mística e profética da VRC**.

  Nesta perspectiva, agilizar o redimensionamento de nossas estruturas torna-se uma necessidade urgente para evitar que as Irmãs e os Irmãos Religiosos em plenas condições de trabalho, de doação e de sonhos na missão sejam sufocados e sobrecarregados na manutenção daquilo que sempre se fez, daquilo que simplesmente é legado do passado e da tradição da congregação. Consideremos inclusive o crescente alerta sobre o aumento do número de suicídios, também na VRC e entre o clero, o qual precisa ser levado a sério.

  A grande maioria das nossas Congregações está assumindo os processos de reestruturação e redimensionamento. Embora seja recorrente a experiência de que estas medidas promovem um aparente caos inicial, de modo geral se constata como contribuem para uma maior clareza da originalidade do carisma, da sua identidade e da sua missão.

- Atualmente já contamos com uma boa experiência acumulada no que se refere ao cuidado e atenção especial com o número expressivo de Irmãs e Irmãos em **fase de envelhecimento**. Esta experiência vem forjando uma transformação na percepção dessa presença cada vez mais numerosa de pessoas idosas entre nós como problema e motivo de preocupação para um olhar um olhar de reconhecimento, valorização e cuidado. Trata-se de uma realidade que contribui significativamente reconhecimento e explicitação da **dimensão testemunhal da VRC**. Bem sabemos como pessoa idosa tem seu lugar e sua contribuição própria na história da salvação, segundo a Sagrada Escritura. Entre nós, a pessoa idosa tem seu papel em termos de testemunho, de experiência de vida, de espiritualidade. E, com isso, nos enriquecem com as possibilidades e desafios da **intergeracionalidade** como partilha de experiência, de vida e de fé.

- Crescemos na **partilha de nosso carisma e de nossa espiritualidade com pessoas leigas**, ligadas ou não às nossas presenças e obras. O caminho das nossas experiências da vida e missão compartilhada com leigas e leigos é bastante plural e diversificado e vai se reconfigurando juntamente com o reconhecimento de seu lugar e cidadania na vida e missão da Igreja. Estamos cada vez mais abertos à valorização de sua presença e participação em nossas obras, em nossa missão, num reconhecimento de que os carismas são propriedade de todos. O caminho já percorrido até aqui nos permite colher bons frutos de aprendizagens e enriquecimento mútuo, mas também mostra o quanto ainda precisamos nos converter, superando traços de autorreferencialidade e abraçando as possibilidades de companheirismo e modos de proceder cada vez mais sinodais, inclusivos e participativos.

- A maioria das Congregações aceitou o desafio de crescer em **criatividade** e empenho no âmbito de **sua missão local** e de "lançar as redes mais para o fundo do mar", indo em **missão além-fronteiras** e assumindo o ser Igreja em saída missionária para **periferias**. Além do bem realizado ao povo e à Igreja nessas realidades missionárias, pode-se constatar um crescimento na vitalidade de sua vida e possibilidades novas de revitalização do carisma e da

espiritualidade. Ao mesmo tempo, este alargamento das fronteiras da vida em missão tem enriquecido a VRC com o surgimento de novas vocações e a renovação do perfil de seus membros, renovado seu rosto, apresentando um rosto mais plural, diversificado.

Cumprir a vida, compreendendo a marcha e tocando em frente...

Parafraseando com este subtítulo a linguagem poética de uma das estrofes da belíssima música "Tocando em frente" de Almir Satler, reconhecemos que os aspectos acima apontados caracterizam o cenário de uma VRC no RS em movimento, desafiada e empenhada em manter-se na busca continuada de ressignificar-se continuamente como um todo.

Ao longo dessa contextualização é possível identificar **temas e assuntos** que pedem aprofundamento como temas geradores de reflexões e diálogos inspiradores em nossas buscas.

Embora não tratem diretamente de tais temas e assuntos, os artigos a seguir apresentados nos oferecem reflexões e intuições bem interessantes e provocadoras.

No artigo **"Conhecer as manhas e as manhãs": o Horizonte e as Prioridades da Vida Religiosa Consagrada do Brasil o** Pe. Itacir Bressiani nos oferece uma leitura e reflexão sobre a proposta da CRB Nacional para a caminhada da VRC nos próximos anos. Segundo o autor, o apelo de Deus que a Vida Consagrada capta e acolhe nesse momento é o de "permanecer no seu amor" e "escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores de nosso tempo". O Horizonte se desdobra em três prioridades que Pe. Itacir comenta e aprofunda nessa sua reflexão: a prioridade do discipulado, a prioridade de caminhar juntos em espírito de sinodalidade e manter vivo o ardor missionário.

Com o artigo "**Humanização: caminho da Vida Religiosa Consagrada**" Pe. Paulo *Rodrigues OSFS* apresenta uma reflexão em torno a "sete sinais" a partir dos quais podemos dar passos "no processo de humanização da pessoa consagrada e sua fidelidade vocacional": olhar integral; agradecer capacidades e reconhecer limites; libertar-se de experiências negativas; cuidar da própria vida; vida fraterna e proximidade; a falta de maturidade humana e espiritual no cotidiano da vida; e o caminho espiritual a partir de Jesus Cristo.

Uma realidade que particularmente interpela a VRC é a crise ecológica, a qual compreende a crise social, humana e a crise ambiental, que põe em risco o futuro de todo o planeta. O artigo **Sustentabilidade e estilos de vida sustentáveis na Vida Religiosa Consagrada** de Ir. Írio Luiz Conti e Ir. Vinícius Mattia aborda a questão da sustentabilidade e dos estilos de vida sustentáveis na VRC. Trata-se do desafio de cuidar da nossa casa comum. Está em jogo a nossa sintonia e adesão aos apelos e às propostas do Papa Francisco, através de sua Carta Encíclica Laudato Sí e de sua recente Exortação Laudate Deum. Como consagradas e consagrados, somos desafiados e convidados a rever nossos hábitos, nossas escolhas, nossos estilos de vida em vista de uma real conversão e um engajamento concreto em favor do cuidado da Casa Comum.

Boa leitura!

“Conhecer as manhas e as manhãs”: o Horizonte e as Prioridades da vida religiosa consagrada do brasil

No processo participativo que culminou na Assembleia Geral de 2022, as consagradas e consagrados do Brasil definiram *o horizonte que os iluminará, atrairá e guiará* no triênio 2022-2025:

> “Nós, consagradas e consagrados no Brasil, na busca de ressignificar a Vida Religiosa Consagrada no discipulado de Jesus Cristo, em sinodalidade, missionariedade e contínua conversão, à luz da Palavra de Deus, somos convocadas e convocados a permanecer no Seu amor, escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores de nosso tempo, para tornar visível o Reino de Deus”.

Na verdade, a prática cotidiana nos ensina que o horizonte não é resultado da nossa definição, mas é em relação a ele que compreendemos a nós mesmos e discernimos os caminhos que nos levam a ele. De certa forma, é ele que nos define. Nossa tarefa histórica é, nas palavras do poeta, “conhecer as manhas e as manhãs”, a luz que se divisa no horizonte e as manhas para não perder o rumo e o ritmo, pois cumprir a tarefa de viver humanamente requer “conhecer a marcha e ir tocando em frente”.

Nestas linhas despretensiosas queremos propor uma reflexão explicativa e sincrônica do Horizonte que a Conferência dos Religiosos do Brasil traçou para o triênio 2022-2025. Nossa interpretação parte do texto em si mesmo e estabelece relações com algumas passagens bíblicas às quais faz referência implícita e que podem ajudar a compreendê-lo. Nosso objetivo é mais a animação da caminhada que a discussão teórica.

O que o Senhor está pedindo hoje à vida religiosa consagrada do Brasil?

É importante começar perguntando qual é o apelo de Deus captado e acolhido pela vida consagrada no Brasil. E a resposta é “permanecer no Seu amor” e “escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores de nosso tempo”. A conjugação desses dois chamados, que ressoam com igual intensidade aos ouvidos dos consagrados e consagradas e são por eles acolhidos com semelhante urgência evita deslizes à direita ou à esquerda, e, ao mesmo tempo, contorna a tentação do refúgio numa espiritualidade desencarnada e superficial ou da diluição num ativismo social vazio e estéril.

Quando o contexto no qual emerge a experiência da insegurança nos convida a evitar o caminho do dom pleno e generoso de si, do pão da vida repartido sem regateio, do lava-pés e da cruz, a vida religiosa consagrada do Brasil percebe que o Senhor a chama a permanecer com ele, a fazer o que ele fez e ir até onde ele foi. Isso fica claro na referência indireta ao texto de João 15,1-17, situado no tenso e intenso diálogo exortativo de Jesus com seus discípulos desconcertados pelo gesto da ceia e do lava-pés e pelo anúncio da paixão e morte de Jesus.

Permanecer no Senhor significa pôr em prática o mandamento de amar como ele amou, de deslegitimar toda e qualquer desigualdade ou superioridade em termos de valor e de dignidade, e de mostrar o alcance do nosso amor entregando livre e generosamente a vida por quem amamos. Não se trata de salvar a própria vida, mas de dar a vida pelas vidas, pois todas as vidas interessam a Jesus e devem interessar também aos cristãos, mais ainda aos que se consagram a ele.

Por trás do apelo do Senhor a “escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores de nosso tempo”, ressoa a experiência paradigmática de Moisés, narrada no livro do Êxodo 3,1-17. Diante da quase incurável surdez de Moisés, que o medo fizera desertar e buscar refúgio e segurança na casa do sogro, Deus irrompe de modo inesperado e quase violento na sua vida cômoda e estreita.

Dizendo que ouviu os clamores e viu os sofrimentos dos hebreus escravizados no Egito, o Senhor interpela Moisés a não dar as costas, a não fechar os olhos e os ouvidos e a não passar ao largo daquilo que fere seus irmãos e irmãs. E não apenas isso! Dizendo que desceu para fazer o povo

subir, Javé envia Moisés para conduzir esse movimento de libertação, para dar uma resposta em nome de Deus, para colocar em prática a resposta do próprio Deus. É como se dissesse, como Jesus dirá mais tarde: “Vá tu e faz o mesmo! Dá-lhes tu mesmo de comer!” (cf. Lc 10,37; Mt 14,15)

É claro que, diante das vozes contrastantes que ressoam em nossas redes, telas e praças, da complexidade da situação dos nossos povos e da dificuldade de dar respostas inovadoras, somos atraídos pela doce sedução de buscar refúgio nos ritos e fórmulas tão vazias quanto inócuas, e de permanecer na aparente segurança das nossas casas e cargos, longe do fogo que arde e da Palavra que abrasa. Para sobreviver, parece-nos mais lógico e oportuno esfriar o coração e estacionar em terrenos seguros.

Mas a santa Palavra nos adverte e guia. Não há como corromper a Deus com os belos presentes dos nossos ritos. A oração e o culto de quem se faz indiferente aos clamores dos vulneráveis não chega aos ouvidos de Deus. “Quem tapa os ouvidos ao clamor do fraco também não terá resposta quando clamar” (Pr 21,13). As dores dos pobres e desamparados são as dores de Deus. “Ele não despreza a súplica do órfão, nem da viúva que apresenta suas queixas. Será que as lágrimas da viúva não descem pela sua face, e se clamor não se levanta contra quem a faz chorar?” (Eclo 35,14-15).

O que busca a vida religiosa consagrada no Brasil?

No encontro de Jesus com os primeiros discípulos, que haviam tomado distância de João Batista por orientação dele mesmo, Jesus pergunta: “O que vocês estão buscando?” (cf. Jo 1,39). Essa pergunta é dirigida, sempre de novo, a cada geração de discípulos e discípulas, a cada instituto religioso, e à vida consagrada como um todo. A seu modo, o processo de reflexão e celebração definiu qual é seu desejo, sua busca ou sua necessidade mais contundente. E a expressou da seguinte forma: “Ressignificar a Vida Religiosa Consagrada no discipulado de Jesus Cristo, para que ela torne visível o Reino de Deus”.

A vida religiosa consagrada do Brasil intuiu que este horizonte se deixa alcançar por um caminho muito particular, que é “permanecer no Senhor” e “escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores de nosso tempo”. Por mais que pareça, não é seguro escolher atalhos não evangélicos para dar brilho, sentido, sabor de originalidade e de novidade à velha vida religiosa consagrada. E não há realidade inclusiva, duradoura e benfeitora da humanidade que não passe pela escuta e pela resposta aos clamores das vítimas, que a sociedade teima em tornar insignificantes e invisíveis.

O novo significado que queremos dar às nossas vidas consagradas não pode vir senão da permanência no seguimento dos passos de Jesus Cristo, da assimilação e vivência do seu Evangelho. Se às pessoas que estiveram no início das nossas instituições nós as chamamos de fundadores/as é porque eles/as colocam diante dos nossos olhos o fundamento de uma vida prenhe de significado sempre renovado: o seguimento dos passos de Jesus de Nazaré, no despojamento, na irmandade e no serviço generoso e solidário aos “últimos” da escala social. Fazer-se discípulo/a de Jesus de Nazaré é reconhecer-se sempre iniciante, sempre aprendiz, sempre necessitado/a de desaprender para aprender melhor o que significa ser humano e ser cristão, o que significa ser próximo e ser irmão ou irmã.

Porém, o novo significado que queremos dar às nossas vidas consagradas não termina na autocontemplação de nós mesmos/as e da relevância das instituições às quais, nem na recordação de eventuais glórias do passado. O seguimento de Jesus nos leva a focalizar tudo em uma única causa, a causa de todas as causas e todos os humanos seres: o reino de Deus, nome que os evangelhos dão à realidade inclusiva e benfeitora da humanidade, à vida plena, comunicativa e abundante de todas as criaturas. O que os consagrados e consagradas queremos, ressignificando nossa consagração a Deus, é tornar visível e palpável o Reino de Deus, os novos céus e a nova terra, a nova sociedade, a renovação de todas as coisas, relações e instituições na comunhão solidária.

Como podemos conhecer o caminho?

Saber para onde devemos e queremos ir é um passo importante para discernir os caminhos. Mas, é um passo insuficiente. Para caminhar, não basta ter os dois pés no chão da realidade e ter um objetivo definido teoricamente, por mais correto e relevante que seja. Precisamos discernir ou identificar o modo mais adequado e eficaz de caminhar do chão que pisamos em direção ao horizonte que nos chama. Mesmo sem fazer-se esta pergunta explicitamente, a vida religiosa consagrada do Brasil verbalizou uma resposta: "em sinodalidade, missionariedade e contínua conversão, à luz da Palavra de Deus".

Caminhar juntos

Primeiro, a *sinodalidade*. Caminhar juntos como diferentes institutos de vida consagrada que somos. Caminhar junto com os diversos organismos, movimentos, ministérios, serviços, carismas e iniciativas da Igreja. Caminhar juntos com os organismos, movimentos e iniciativas sociais, culturais e políticas que atuam guiadas pelo sonho de um mundo tecido de fraternidade, igualdade, justiça e respeito às diferenças. Caminhar juntos, com um mesmo objetivo em nossas fraternidades e projetos comunitários de missão. Caminhar juntos porque somos iguais na fragilidade e comungamos da mesma origem, do mesmo sonho e do mesmo destino. Caminhar juntos porque sozinhos/as não somos capazes de ir muito longe.

Aqui podemos lembrar a prática sinodal da Igreja apostólica, que atravessa praticamente de ponta a ponta a narrativa dos Atos dos Apóstolos: nas diferenças, nas divergências e nas emergências, os apóstolos se reuniam e tomavam decisões compartilhadas, procurando conservar tanto a unidade substancial como a pluralidade vital. É interessante lembrar também da pregação de Paulo: ele sublinha que o trabalho e a perspectiva de diferentes grupos contribui na única obra do Senhor (cf. 1Cor 3,5-17); e compara os diferentes serviços e ministérios aos diferentes membros que compõem um corpo bem articulado e único (cf. 12,12-31).

Um caminho de saída missionária em direção às periferias

Depois a *missionariedade*, aquela que brota da Igreja dos apóstolos, que se organiza e reinventa em ritmo de missão, estabelecendo estruturas leves e funcionais à missão de "anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo", como dirá o Papa Francisco (EG, 23). E isso porque a intimidade com Jesus é uma caminhada, uma intimidade itinerante, uma força que nos chama a sair para fora, porque a comunhão é sempre e essencialmente uma comunhão missionária.

Quando falamos de missão, o paradigma de Filipe (cf. At 8,26-40) é sempre algo instigante: ele descobre-se chamado ao meio-dia, sai de Jerusalém pelo caminho que leva ao deserto, vai ao encontro de um estrangeiro eunuco (violentado e duplamente marginalizado), aproxima-se como companheiro, aceita o convite a sentar-se ao lado dele, anuncia-lhe o Evangelho a partir das suas perguntas, acolhe o eunuco na comunidade conferindo-lhe o batismo, não o retém junto a si e permite que ele prossiga seu caminho cheio de alegria.

Caminhar juntos, em ritmo missionário, convertendo-nos ao Evangelho

Por fim, a contínua *conversão*. Na verdade, a conversão vem começo, é um dinamismo permanente na aventura da consagração, e também a meta do seguimento de Jesus. Discipulado é sempre um caminho de conversão: conversão pessoal, comunitária e institucional ao Evangelho do despojamento, da pequenez, dos pequenos passos possíveis, da consciência de guardar nos vasos de barro das pessoas consagradas, das suas comunidades e instituições, um precioso tesouro que não lhe pertence, que pertence a todos: o Evangelho da alegria, o Evangelho do Reino de Deus, que está vivo e ativo no mundo como semente, como fermento, como sal e luz. Conversão porque ainda acreditamos nas grandes estruturas, na imponência das obras, no poder do saber e do capital, na aliança com os setores que detém o poder, nas nossas estratégias e projetos.

Mencionamos aqui o anúncio fundamental de Jesus, ao iniciar e prosseguir no seu ministério na Galileia: "O tempo já se cumpriu e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia" (Mc 1,14-15; cf. Mt 4,17; Lc 4,14-21). A novidade alvissareira da Boa Notícia do Reino de Deus é de magnitude tal que, para acolhê-la e assimilar seu dinamismo é preciso uma mudança radical de mentalidade. O discipulado, a vida cristã como um todo, é um permanente caminho de conversão. Este é também o anúncio pentecostal de Pedro e dos apóstolos (cf. At

2,37-41). E não esquecemos um dado fundamental: o movimento da vida consagrada, em seus melhores momentos, que são as fases mais carismáticas e menos institucionais, se definiu como caminho penitencial, como convocação à conversão ao Evangelho do Reino de Deus.

Quem meterá as mãos na massa e percorrerá esse caminho?

O sujeito que capta o horizonte é a primeira pessoa do plural: "nós". A dizer nós, estamos nos referindo a todas as pessoas consagradas, a todas as Comunidades religiosas, a todas os Institutos e suas direções, a todas as instituições criadas e administradas pelos Institutos, às direções nacional e regionais da CRB, às Equipes, Comissões e Assessorias nacionais e regionais da CRB, a todos os núcleos diocesanos de religiosos e religiosas.

Mesmo sendo verdade que a Conferência dos Religiosos do Brasil não tem poder de impor suas diretrizes e prioridades, também é fato que o discernimento do horizonte e das prioridades do triênio foi feito em espírito sinodal e participativo. Da mesma forma, para que tudo isso não se torne discurso bonito, mas inócuo, é absolutamente indispensável o compromisso proporcional e corresponsável de todas as pessoas consagradas, suas instituições e instâncias.

Para refletir e aprofundar

- *Que ressonâncias o horizonte e as prioridades atuais da CRB provocam em você e sua comunidade?*
- *Que iniciativas você e sua comunidade tem colocado ou podem colocar em movimento para realizar as prioridades da CRB no seu âmbito de atuação?*

Itacir Brassiani msf
Passo Fundo/RS

Humanização: caminho da Vida Religiosa Consagrada.

Pelos caminhos da Vida Religiosa Consagrada, encontramos muitas pessoas que testemunham a felicidade que esta vocação oferece. É possível identificar o bem que homens e mulheres humanizados fazem ao responder a vocação que receberam de Jesus Cristo. Nestes caminhos, de maneira dolorida, também, pode-se identificar o quanto a falta de humanização pode gerar sofrimentos e infelicidade. Por isso, de maneira simples e fraterna, a partir de encontros e desencontros com religiosos e religiosas, apresento sete sinais que podem nos ajudar no processo de humanização da pessoa consagrada e sua fidelidade vocacional.

1. **Olhar Integral:** ao pensar a maturidade espiritual e psicológica na vida religiosa consagrada em vista do processo de humanização, faz-se necessário desenvolver um olhar integral sobre a pessoa que se consagra a Deus e ao seu Reino nos diversos caminhos de vida religiosa. Acolher a pessoa inteira, reconhecendo suas dimensões de corpo, espírito e psíquico. E esta acolhida é importante em todas as etapas e circunstâncias da vida. Com facilidade, a pessoa consagrada é reduzida a uma obra, atividade ou problemática. Também, há uma fragmentação da vivência dos votos, reduzindo a alguns aspectos da vida, esquecendo-se que eles fazem parte de um único caminho para o Reino de Deus. Por exemplo: um religioso que enfrenta dificuldade para assumir e testemunhar o voto de pobreza, não revela somente dificuldades com este voto; revela sim, dificuldades com sua resposta vocacional de um modo geral. Por isso, a vida com sua vocação e missão requer uma maturidade integral para atingir a felicidade e a santidade.

2. **Agradecer capacidades e reconhecer limites:** a vida religiosa consagrada, ao assumir sua missão nos diversos contextos, é chamada a cultivar a gratidão pelas capacidades e talentos ofertados diariamente. E, ao lado desta postura, faz-se necessário reconhecer limites e fragilidades. Cultivar a gratidão, oferecer nossos talentos ao Reino de Deus e reconhecer o que não podemos é uma das possibilidades de crescimento feliz. É crescente o número de quem não reconhece e nem agradece o que recebe e oferta por meio de sua vocação. O mesmo acontece, com irmãos e irmãs que ignoram seus limites e por isso não crescem, sofrem e fazem sofrer. A melhor forma de agradecer capacidades é colocá-las a serviço do Reino de Deus. Com isso, se assume cada capacidade em vista da missão. Nada será propriedade exclusiva da pessoa e tudo o que ela ganha e desenvolve é para o Reino. Da mesma forma, quem acolhe seus limites na ótica da missão, também, permite que o Reino possa crescer. Quem aceita seus limites, encontra possiblidades de superação, entrega e crescimento; pois a pessoa não é dona do apostolado, mas servidora. Ainda, neste sinal devemos olhar para a capacidade da vida religiosa de estar ao lado dos pobres, dos pequenos, das vítimas e de todos aqueles que se encontram caídos ao longo do caminho. Um coração agradecido é solidário com quem sofre e precisa de ajuda.

3. **Libertar-se de experiências negativas:** com o passar do tempo, é natural que cada pessoa tenha consigo experiências pessoais e comunitárias das mais variadas formas. E, em alguns casos, carregam experiências negativas. No entanto, para seguir em frente, o ser humano precisa significar as experiências positivas e libertar-se das negativas. Aprender a perdoar, desapagar e viver o momento presente. Infelizmente, nos encontramos com homens e mulheres na vida religiosa que comprometem a alegria de viver no tempo presente, porque estão confundidos com suas experiências negativas do passado. Por isso, faz sentido perguntar-se: como faço a elaboração das experiências do passado?

4. **Cuidar da própria vida:** A vida religiosa é convocada a viver de maneira saudável. Para isso, diariamente, precisa crescer em: autoconhecimento, perdão, conversão, coragem e autoestima. Cuidar de si para cuidar dos irmãos e irmãs da fraternidade e da missão. Nos passos do cuidado é importante reconhecer as fragilidades pessoais e de quem caminha conosco. E, reduzir as exigências e expectativas sobre a nossa vida e vida das outras pessoas. Romper com comparações, fofocas e saudosismos neuróticos. Decidir viver neste tempo atual com alegria e profecia. Em suma, viver de maneira equilibrada o seguimento de Jesus Cristo, na atualidade. Aqui, também, é importante trazer o tema do envelhecimento na

vida religiosa consagrada: como estamos envelhecendo? Faz bem acolher o processo de vida em seu envelhecimento natural e aos poucos buscar novos significados para viver de maneira ativa e com autonomia responsável.

5. **Vida Fraterna e proximidade:** é tempo de resgatar o comunitário e o coletivo. Com facilidade buscamos ajuda de maneira individual e esquecemos do coletivo. De maneira muita rápida, impulsiva e insegura buscamos soluções individuais para nossos conflitos pessoais, pastorais e institucionais. E, assim, o comunitário fica reservado para momentos pré-estabelecidos, onde não há uma alegria natural de estar entre irmãos e irmãs. Há uma preocupação exagerada com o bem-estar do indivíduo, o que é importante; mas não suficiente na vida religiosa. Em alguns casos, ouvimos expressões possessivas adoecidas, como por exemplo: meu trabalho, meu cultivo, meu cuidado, minha dieta, minha pastoral, meu projeto, etc. Com facilidade convidamos profissionais para acompanhar e orientar religiosos e religiosa de maneira individual; raras vezes convidamos alguém para orientações comunitárias. Será que estamos perdendo o sentido da vida fraterna? Urge acreditar na vida fraterna. Precisamos ser homens e mulheres de compaixão na vida religiosa consagrada. Ainda, dentro deste tema, devemos repensar as relações de poder na vida religiosa. É o serviço e a missão que nos fazem irmãos e irmãs.

6. **A falta de maturidade humana e espiritual no cotidiano da vida:** quando a vida religiosa perde o sentido para a pessoa que assumiu esta vocação, vai crescendo em cada contexto crises e desafios existenciais. Em alguns casos, quando esta ausência de sentido é assumida com honestidade, testemunha-se um processo de humanização equilibrado, com abertura para novos apelos e mudanças qualificadas. Mas, quando há falta de maturidade humana e espiritual na pessoa que vive a crise, evidencia-se a mediocridade de vida, associada com tristeza, doenças e incerteza moral. Este segundo modelo, requer uma ajuda fraterna qualificada. Neste tópico é importante entender e viver a afetividade e a sexualidade de acordo com a vocação assumida.

7. **Caminho Espiritual a partir de Jesus Cristo:** em muitos casos, onde as pessoas que perderam o sentido da sua vida consagrada e por isso adoeceram ou semearam o mal por onde passaram, percebe-se que o primeiro que se perdeu foi o caminho espiritual e a mística do seguimento de Jesus Cristo. A pessoa consagrada é por vocação uma pessoa de vida interior equilibrada. Fazer diariamente o caminho Espiritual nos passos do Mestre Jesus, em pleno diálogo e partilha com nossos irmãos e irmãs, nos humaniza e nos qualifica para vida e missão.

Para refletir e aprofundar

- Que expressões de relações humanizadas e humanizadoras percebemos em nossas Comunidades e Províncias?
- Em que aspectos podemos crescer nos caminhos da humanização nas relações e no cuidado mútuo em nossa vida cotidiana?
- Que outros sinais de humanização poderíamos acrescentar aos que já foram apresentados na reflexão acima?

Padre Paulo Rodrigues, OSFS
Oblato de São Francisco de Sales
Formador – Postulantado e Noviciado
Psicólogo, CRP 0716717

Sustentabilidade e estilos de vida sustentáveis na Vida Religiosa Consagrada

Este breve texto visa contribuir com o debate sobre sustentabilidade e estilos de vida sustentáveis na Vida Religiosa Consagrada. Na primeira parte trazemos elementos que situam o nascedouro, a contextualização e a fundamentação deste tema e na segunda elencamos algumas implicações práticas de estilos de vida sustentáveis na Vida Consagrada Religiosa na contemporaneidade.

1. Sustentabilidade: o desafio de cuidar da nossa casa comum

As bases teóricas para a discussão sobre o desenvolvimento sustentável começaram a se consolidar a partir dos anos 1970. Um marco referencial foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo (Suécia), em 1972. Sua Declaração final contém 19 princípios que evidenciam a necessidade de "inspirar e guiar os povos do mundo para a preservação e a melhoria do ambiente humano", constituindo-se nas bases de uma nova agenda ambiental do Sistema das Nações Unidas que se estende até nossos dias, despertando e suscitando a preocupação mundial sobre o uso saudável e sustentável do planeta e de seus finitos recursos.

Os debates continuaram e em abril de 1987 a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Organização das Nações Unidas (ONU), elaborou e publicou o relatório *Nosso Futuro Comum* (ou Relatório de Brundtland), no qual definiu o desenvolvimento sustentável como aquele que garante e atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades. Ou seja, o desenvolvimento sustentável deve promover os sistemas naturais que sustentam a vida na terra: a atmosfera, as águas, os solos e os seres vivos, proporcionando uma harmonia entre essa diversidade e satisfazendo as aspirações e necessidades humanas planetárias (ONU, 1987; 2020).

Gradualmente a discussão sobre o desenvolvimento sustentável foi ampliada e passou a considerar outras questões relevantes. Houve avanços no que diz respeito aos auxílios para sua promoção e às técnicas que envolvem seus preceitos. Geralmente, os envolvidos nessas discussões, no âmbito da agricultura, são pequenos agricultores, produtores agroecológicos, assentados da reforma agrária, quilombolas, comunidades tradicionais e indígenas.

A partir dos avanços obtidos na discussão e de recorrentes encontros, como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92), a Cúpula do Milênio em 1999, a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável "Rio +10", em 2002, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável "Rio +20", em 2012, e a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável em 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu a chamada Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Essa agenda definiu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com vistas a tornar o mundo um lugar melhor para as pessoas e o planeta, fortalecendo iniciativas de busca da paz universal (ONU, 2021).

Alguns autores elencam critérios e dimensões que apontam que organizações e a própria sociedade se aproximam da sustentabilidade na prática quando vão de encontro a determinados indicadores. Nesse sentido, o que antes era visto como um "tripé" composto pelo 'economicamente viável', 'ambientalmente correto' e 'socialmente justo', passou a ser ampliado para atender também a critérios culturais, ecológicos, territoriais e políticos (SACHS, 2009), bem como dimensões de subsistência, afeto, entendimento, criatividade, participação, lazer, identidade pessoal e cultural e liberdade (BOFF, 2014). Essa noção ampliada de sustentabilidade passa a abranger as diversas dimensões da vida e sua interação com a natureza.

Em seus princípios a Carta da Terra (1992) ressalta que precisamos cuidar da comunidade da vida com *compreensão, compaixão e amor*. Aí a noção de desenvolvimento adquire uma conotação de concretização em territórios e comunidades, ultrapassando as visões que tendem a

reduzir o desenvolvimento a perspectivas economicistas e consumistas. Nessa dimensão mais ampla, que abrange a ecologia, todos os seres são interligados e cada forma de vida tem o seu valor e deve ter respeitado o seu lugar no planeta. Aí entra a força da ética, do saber respeitar e saber cuidar da vida em toda a sua diversidade, de resgatar os sistemas ecológicos da Terra e buscar a justiça social e econômica, assegurando a plena democracia, a não violência e a paz universal.

Um dos grandes contribuidores para o alargamento da compreensão de desenvolvimento sustentável, o querido Leonardo Boff, nos instiga a viver e nos desenvolver segundo a ética do cuidado. Ele salienta que o nosso planeta Terra merece um cuidado especial, sem eximir-nos de cuidar da ecologia, de modo que a sociedade seja sustentável, numa corresponsabilidade pelo cuidado do outro, do pobre, especialmente do oprimido e do excluído, mas também do nosso próprio corpo, da alma e do espírito, ou seja, o cuidado da cura integral do ser humano e de sua grande travessia.

Em um tempo propício o papa Francisco nos brindou com a encíclica *Laudato Si* (2015), na qual corrobora essa visão integral e integradora e chama atenção que o uso irresponsável e desmedido dos bens da Terra - a nossa casa comum - gera um solo doente, água doente, ar poluído e seres vivos doentes. Para reverter tal situação e resgatar o cuidado da nossa casa comum o Papa realça a importância de uma educação e espiritualidade ecológicas, que nos ajudem na adoção de estilos de vida sustentáveis, eduquem para o estabelecimento de alianças entre a humanidade e o ambiente, mediante a conversão ecológica, a busca da alegria, da paz, do amor civil e político, dentre outras atitudes fundamentais.

O Papa Francisco acentua que o “desafio urgente de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum” (LS, 2015, 13). E nos chama a todos e todas para essa grande tarefa comum: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós (LS, 2015, 14).

Em 2022, na celebração do Dia da Terra, instituído pela ONU em 2009, a própria ONU fez um alerta taxativo para todo mundo: o ano de 2030 é o prazo limite para que nações, instituições e indivíduos promovam a redução do aquecimento global e do desmatamento, por meio de mudanças radicais para evitar que o mundo entre em um processo de desequilíbrio sem retorno, com aquecimento global, mudanças climáticas drásticas e até destruição das condições de vida e da biodiversidade planetária.

No contexto brasileiro, após a desconstrução generalizada das políticas públicas em geral e também das ambientais promovidas pelo governo anterior, o atual governo retoma o protagonismo do Estado brasileiro nas políticas públicas em geral e das políticas e programas ambientais que fortalecem a sustentabilidade dos diversos biomas brasileiros e dos modos de vida das populações em seus territórios. Felizmente, o Brasil retoma seus compromissos com os Objetivos de Desenvolvimento do Sustentável expressos na agenda 2030 e adota um conjunto de medidas para cuidar seus biomas, especialmente a Amazônia e o Cerrado, que mais sofrem com a expansão do desmatamento e do agronegócio para fins de produção de monocultivos destinados à exportação e não para garantir a soberania e a segurança alimentar e nutricional do povo brasileiro de modo sustentável e saudável.

2. Estilos de vida sustentáveis e saudáveis

Apesar dos avanços obtidos e dos esforços empreendidos em âmbito internacional e no Brasil, a nossa casa comum está numa situação agonizante e requer o empenho geral de governos e da sociedade no curto prazo para prevenir colapsos e tragédias socioambientais cada vez mais intensas. Especialmente nas últimas três décadas, os impactos negativos das mudanças climáticas sobre os modos de vida não pararam de crescer. Eles se mostram, sobretudo, na

poluição das águas e nascentes, na contaminação do solo, na exploração desmedida dos recursos naturais e na crescente perda da biodiversidade. E o papa Francisco afirma que o "desafio urgente de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar" (LS 2015, 13).

Todos sabemos que os recursos do planeta se esgotam, mas muitos os usam como se fossem inesgotáveis e sem se preocupar para que toda humanidade possa usufruir dos mesmos. Segundo a ONU, a população mundial já alcança 7,7 bilhões de pessoas, todas se deslocam, se alimentam e consomem bens e serviços. Alguns agem de forma responsável e sustentável, mas outros agem como se fossem os únicos no planeta, apenas preocupados com "seu próprio umbigo", com os recursos que são finitos.

No Brasil isso se mostra fortemente na distribuição desigual das riquezas, onde 1% da população mais rica detém 49,6% da riqueza nacional e 50% da população mais pobre detém apenas 10% do total da renda nacional, classificando o país no segundo lugar no ranking de desigualdades no mundo (ONU, 2022). E no campo da alimentação isso não é diferente, com alto desperdício de alimentos, baixa qualidade dos alimentos pelo excessivo uso de agrotóxicos e abundante oferta de alimentos ultraprocessados, ao mesmo tempo que há um grande número de pessoas subalimentadas. Entre 2003 e 2019, o número de pessoas obesas acima dos 20 anos de idade subiu de 12,2% para 26,8% e o percentual da população que não é considerada obesa, mas que tem sobrepeso ou excesso de peso acima dos 20 anos subiu de 43,3% para 61,7% (IBGE, 2020). E uma pesquisa realizada em 2022 constatou que 15,5% dos lares estão em situação de insegurança alimentar grave, ou seja, são 33,1 milhões de brasileiros que passam fome e 125,2 milhões de pessoas vivem com algum grau de insegurança alimentar e nutricional (REDE PENSSAN, 2022).

No mundo e no Brasil, a interconexão dessas três pandemias acima referidas (obesidade, desnutrição e mudanças climáticas) passou a ser chamada por pesquisadores de sindemia global, ou seja, uma espécie de "macropandemia", que afeta a maioria das pessoas em todos os países e regiões do mundo, dentre eles o Brasil, com suas vulnerabilidades. E essa sindemia tem entre suas causas o atual modelo insustentável de produção, transformação, distribuição e consumo de alimentos (THE LANCET, 2019).

Diante disso, adotar estilos de vida que sejam sustentáveis é muito mais que apenas adotar modos de consumir bens e serviços, é pensar e praticar modos de vida que sejam viáveis para nós e para as futuras gerações, é assumir compromissos com o cuidado do meio ambiente, das pessoas e do planeta, que se expressam por meio de pequenas ações em nossos estilos de vida no cotidiano. Sem dúvida, nós podemos fazer a nossa parte hoje, sem deixar para amanhã, pois a soma dos pequenos gestos e ações faz a diferença no cômputo geral do cuidado planetário.

Um aspecto importante para fazermos mudanças nos estilos de vida para que sejam sustentáveis e saudáveis passa pela identificação dos fatores que influenciam em tais estilos de vida. Neste caso, há fatores individuais e coletivos que podem contribuir positiva ou negativamente para alcançarmos estilos ou modos de vida saudáveis e sustentáveis.

Os fatores individuais demonstram a forma como nos relacionamos com o meio onde vivemos e determinam o nosso grau de conscientização diante da necessidade de proteger o meio ambiente e o lugar onde vivemos. Já, no que se refere aos fatores sociais, devemos considerar que em algumas sociedades a visão de cuidado dos bens comuns é mais enraizada e acompanhada de ações correspondentes, enquanto em outras prevalecem visões individualistas que tratam problemas dessa magnitude como se fossem apenas da esfera da responsabilidade individual. Tais visões se refletem nos costumes e práticas e afetam os ambientes e estilos de vida como um todo. E os fatores externos, que dizem respeito aos individuais e coletivos, como as ações das instituições da sociedade e dos governos, podem contribuir significativamente para limitar ou para promover estilos de vida mais sustentáveis e viáveis.

A Vida Religiosa Consagrada nasceu e se desenvolve marcada por um conjunto de características comunitárias. Isso é um fator social que contribui, significativamente, para que em nossas casas, instituições e ambientes possamos introduzir e desenvolver um conjunto de pequenas e grandes ações que explicitam nosso compromisso individual e coletivo com o cuidado da nossa casa

comum. Não se trata aqui de passar um “receituário” dessas práticas, mas sim de apontar algumas dicas que podem nos ajudar na adoção e cultivo de estilos de vida sustentáveis nos diferentes ambientes onde vivemos. Sugerimos que estas dicas sejam ampliadas pelos grupos e pessoas em seus distintos meios de vida.

a) O **consumo responsável e consciente contra o consumismo**. A Vida Religiosa Consagrada não está ilesa às investidas da “mosca azul” do consumismo que ronda e aterriza em nossas casas, muitas vezes no involucro de conforto, economia de tempo e praticidade. Precisamos, sempre de novo, frisar a importância da redução de desperdício e da adoção de hábitos simples de viver, bem como na aquisição e uso de objetos e utensílios nos ambientes domésticos. Tão pouco devemos deixar que os mercados nos capturem a ideia do consumo responsável com suas atraentes propagandas de sacolas de “consumo responsável”, como se a sacola fizesse o diferencial sem questionar práticas de consumo insustentáveis.

b) **A escolha por mobilidade sustentável.** Todos precisamos nos locomover com frequência, mas podemos e devemos avaliar as nossas escolhas e opções, bastante centradas no sedentarismo e no uso prático de veículos poluentes e de forma individual. Muitas vezes poderíamos escolher formas, equipamentos e meios de transporte públicos, bicicletas e caminhadas como formas sustentáveis e saudáveis de viver. Não raro tentamos resolver conflitos pessoas em nossas casas mediante a aquisição de mais um ou alguns veículos para “agradar” aos desejos transformados em necessidades.

c) **O cultivo de hábitos alimentares saudáveis.** Em graus diferenciados, as cozinhas e mesas de nossas casas religiosas vêm passando por uma grande transformação: os alimentos saudáveis, naturais, frescos, de época e regionais vêm sendo substituídos pelos alimentos industrializados, ultraprocessados e artificiais, altamente calóricos, transgênicos, carregados de sal, açúcar e gordura saturada, grandes causadores de hipertensão, diabetes, câncer, sobrepeso e obesidade, principais doenças causadoras de óbitos atualmente. Que tal aderimos em nossas casas algumas máximas que muitas organizações do campo alimentar propõem: “descasque mais, desenlate menos”, “alimentar-se é um ato político”, “comida de verdade no campo e na cidade”, “alimentos com agrotóxicos matam, alimentos agroecológicos promovem a vida”. De um modo simples, isso se traduz nas escolhas pelo consumo de alimentos agroecológicos, pelo aumento do consumo de frutas e verduras e a diminuição de carnes, pelo consumo de mais alimentos naturais, in natura e menos industrializados e ultraprocessados, pelo cultivo de uma boa horta sempre que isso for possível, etc... As escolhas alimentares têm custos, que custos estamos dispostos a pagar pelas nossas boas ou más escolhas alimentares?

d) **O cuidado preventivo da saúde.** São louváveis as iniciativas que as congregações e províncias religiosas vêm implementando na linha do cuidado da saúde, especialmente das pessoas idosas, em um tempo de crescimento contínuo da longevidade. No entanto, numa rápida análise dessas iniciativas, disparadamente aquelas voltadas à saúde curativa prevalecem sobre as práticas preventivas de cuidado da saúde. Ou seja, as inúmeras experiências acumuladas pelos saberes e conhecimentos populares da tradição (o saber colher e fazer chás, ervas, pomadas, etc.) vem sendo substituídos pelas estáticas fórmulas médicas e farmacêuticas, que se desdobram, muitas vezes, em consumismo dependente de pacotes fármacos nas quase farmácias que vão ocupando cada vez mais espaços em nossas casas e hábitos. É louvável o incremento da qualidade no atendimento à saúde em nossas casas, mas cabe, sim, questionar o quase abandono dos saberes populares, especialmente baseados nos cuidados preventivos e o acento dado aos exageros “salvacionistas” da saúde curativa, que alimenta a indústria de medicamentos que é uma das que mais crescem no mundo e no Brasil. A saúde curativa é importante, mas precisa vir acompanhada de práticas saudáveis de alimentação e cuidado da saúde, com a quebra dos hábitos sedentários pelo exercício físico e a construção de ambientes alimentares e de saúde que propiciem a saudabilidade no cotidiano.

e) **Educação socioambiental.** Sim, o cuidado de nossa casa comum passa pela educação geral e socioambiental dentro de nossas casas, nos grupos, escolas, organizações e instituições mais diversas. O Estado, as instituições públicas e as escolas exercem um papel fundamental, mas não podemos nos eximir da responsabilidade individual e coletiva nos ambientes onde

vivemos e atuamos, pois o cuidado da nossa casa comum começa dentro de nós e de nossas casas. O Papa acentua que a uma educação e espiritualidade ecológicas nos ajudam na adoção de estilos de vida sustentáveis. E já são muitas as iniciativas desenvolvidas, que vão da organização em torno da coleta e reciclagem de materiais, se estende ao cuidado das árvores da rua em frente da casa, aos jardins e parques públicos e se somam com as ações gerais que constituem ambientes saudáveis de vida para nós e para todos e todas.

Portanto, a sustentabilidade e o cultivo de estilos de vida saudáveis e sustentáveis é um desafio pertinente a todos nós, religiosos e religiosas, que queremos ajudar a construir um planeta que efetivamente seja a nossa casa comum e a das gerações que nos sucederão nesta bonita caminhada de integração entre todos os seres criados a natureza. Oxalá, nos sintamos parte dessa maravilhosa criação e façamos aquilo que está ao nosso alcance para que possamos bem viver em harmonia com toda criação.

Ir. Irio Luiz Conti, msf[1]
Vinicius Mattia[2]

Para refletir e aprofundar

- Que expressões percemos em nossas Comunidades e Província que indicam crescimento e compromisso com a causa ecológica e sustentabilidade como “estilo de vida”?
- Em que aspectos percebemos o apelo por dar passos rumo à conversã ecológica?

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade:** o que é o que não é. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si’ sobre o Cuidado da Casa Comum.** 2015. Disponível em: https://wp.aleteia.org/wp-content/uploads/sites/5/2015/06/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

IBGE. **População brasileira está acima do peso**. 2020. Disponível em: https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/populacao-brasileira-esta-acima-do-peso-afirma-ibge-193776. Acesso em: 25 abr. 2023.

ONU – Organização das Nações Unidas. **A ONU e o meio ambiente.** Brasília, 2021. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente#:~:text=Os%20princ%C3%AD. Acesso em: 24 mar. 2023.

ONU. **Carta da Terra**. Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cartadaterra.pdf. Acesso em 25 abr. 2023.

ONU. A ONU e o Meio Abiente. 2020. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente

ONU. **Report of the World Commission on Environment and Development:** Our Common Future. (Relatório de Bruntland). 1987. Disponivel em: https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

ONU. Relatório Mundial sobre as Desigualdades. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2020/01/1701331. Acesso em: 25 abr. 2023.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável.** 4 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. Disponível em: https://www.iberdrola.com/sustentabilidade/estilo-de-vida-sustentavel

---

[1] Irmão religioso na Congregação dos Missionários da Sagrada Família. Doutor em Desenvolvimento Rural, Mestre em Sociologia, Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia. Membro da Fian Internacional e conselheiro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Administrador do Convento São José, Recife.

[2] Professor colaborador no Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – PR, doutorando e mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável na Unioeste, Engenheiro Agrônomo – Marechal Cândido Rondom.

REPSSAN – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. I**I Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar e Covid -19 no Brasil**. Disponível em: https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/. Acesso em 29 abr. 2023.

THE LANCET. **The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change:** The Lancet Commission report. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(18)32822-8/fulltext. Acesso em 05 mai. 2023.